

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ALICE DANTAS DE MEDEIROS

O SENTIDO DOS RITUAIS FÚNEBRES

Maceió – AL

2022

ALICE DANTAS DE MEDEIROS

O Sentido dos Rituais Fúnebres

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Esperidião Barbosa

Maceió – AL

2022

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M488s Medeiros, Alice Dantas de.
O sentido dos rituais fúnebres / Alice Dantas de Medeiros. – 2022.
35 f.

Orientador: Esperidião Barbosa.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 32-34.
Apêndices: f. 35.

1. Ritos e cerimônias fúnebres. 2. Morte. 3. Luto - Aspectos psicológicos.
4. Psicanálise. 5. Teoria freudiana. I. Título.

CDU: 159.964.2:393.7

“Recordemo-nos do velho ditado: Si vis pacem, para bellum.
Se queres conservar a paz, prepare-te para a guerra.
No momento atual, caberia mudá-lo: Si vis vitam, para mortem.
Se queres aguentar a vida, prepare-te para a morte”
(Freud, 1915/2010d, p. 182)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por possibilitarem minha existência;

Agradeço ao prof. Dr. Esperidião Barbosa Neto pela atenção, disponibilidade e disposição para orientar este trabalho;

Agradeço a prof. Dra. Paula Orchiucci Miura pelo exemplo de excelência em pesquisa;

Agradeço a todas e todos docentes do curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas;

Agradeço também a todo corpo técnico e administrativo do curso de Psicologia;

Agradeço a Caitlin Doughty por insuflar em mim o interesse em estudar sobre a morte, o morrer e seus ritos.

RESUMO

A morte é uma certeza implacável e inevitável para os seres vivos. O ser humano, ciente de sua própria mortalidade, desenvolveu rituais fúnebres que variam de acordo com o contexto sócio-histórico no qual está inserido. De maneira geral, os rituais fúnebres são demarcados por três principais etapas: preparação do corpo; exposição do corpo no velório; e sepultamento ou cremação. Tais rituais são importantes para demarcar, socialmente, a passagem do indivíduo da vida para a morte. Além disso, podem desempenhar um papel de amparo aos vivos e de demarcação do estado de luto. Diante disso, a presente pesquisa teve como objetivo geral identificar os sentidos dos rituais fúnebres na atualidade; e como objetivos específicos investigar as repercussões do contexto sócio-histórico na atribuição de sentidos aos rituais fúnebres e analisar os sentidos desses rituais identificados a partir do aporte teórico da psicanálise freudiana. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), sob protocolo nº CAE: 55827822.9.0000.5013 – parecer nº 5.338.250. Trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo. Foram realizadas entrevistas individuais do tipo semiestruturada, partindo de um roteiro de perguntas. Construiu-se um convite composto por mensagem de texto, contendo, de maneira abreviada, as informações gerais da pesquisa e o contato da pesquisadora. O convite foi compartilhado via *WhatsApp* e as entrevistas ocorreram através da plataforma *Google Meet*. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para análise. A amostra foi composta por oito indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos, de ambos os sexos, com autonomia plena e cuja língua materna é o português. Os dados coletados foram analisados através da Análise Temática, tendo em conta os pressupostos da psicanálise freudiana. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com oito participantes, com idade entre 20 e 26 anos. A partir da leitura em profundidade das transcrições, construíram-se três categorias temáticas: Rituais fúnebres: do cartório ao velório; Em nome dos mortos; Um fim inadmissível. As respostas dos participantes refletem suas experiências pessoais com os ritos funerários. A prática do velório e do enterro são os costumes mais citados entre os entrevistados. Enquanto alguns indivíduos relataram saber pouco acerca do assunto, outros trouxeram descrições detalhadas das etapas componentes do ritual. Em meio as respostas, o ritual fúnebre surge enquanto um modo socialmente convencionado para demarcar o fim da vida de uma pessoa. Além disso, alguns participantes afirmaram não perceber, pessoalmente, algum sentido ou função no cerimonial fúnebre. Ainda assim, todos reconhecem a importância, para aqueles que estão vivos, em organizar e participar desses ritos. Determinados participantes apontaram que a terceirização da cerimonialística fúnebre é fruto do contexto capitalista. Ademais, alguns participantes destacaram como o cenário pandêmico parece ter posto em evidência a importância dos rituais fúnebres e a falta que sua ausência traz. Enquanto alguns participantes já pensaram sobre seu próprio cerimonial fúnebre e até decidiram entre o enterro ou a cremação, outros entrevistados não cogitaram o tema e não percebem importância em pensar sobre ele. Há aqueles que comunicaram suas escolhas fúnebres para as pessoas de seu círculo social, ainda que de maneira sucinta. Outros participantes relataram, com maiores detalhes, a maneira com que seu próprio ritual fúnebre deve ser conduzido. O humor foi um recurso utilizado para falar sobre o próprio ritual fúnebre e a morte de si. Diante das perspectivas apresentadas, conclui-se que os ritos funerários podem atuar como um exame de realidade, atestando a concretude da morte do ente querido. Ainda assim, o indivíduo falecido continua a existir na psique dos enlutados, que precisarão realizar o trabalho do luto, isto é, o necessário desinvestimento libidinal do objeto amado perdido. Para futuras pesquisas sugere-se a ampliação da faixa etária amostral e a condução de entrevistas de modo presencial.

Palavras-chave: Rituais Fúnebres; Morte; Luto; Psicanálise; Teoria Freudiana.

ABSTRACT

Death is a relentless and inevitable certainty for living beings. The human being, aware of his own mortality, developed funeral rituals that vary according to the socio-historical context in which he is inserted. In general, funeral rituals are marked by three main stages: preparation of the body; exposure of the body at the wake; and burial or cremation. Such rituals are important to demarcate, socially, the passage of the individual from life to death. In addition, they can play a supporting role to the living and demarcation of the state of mourning. Therefore, the present research had as general objective to identify the senses of funeral rituals at the present time; and its specific objectives were to investigate the repercussions of the socio-historical context in the attribution of meanings to funeral rituals and to analyze the senses of these rituals identified from the theoretical contribution of Freudian psychoanalysis. The research was approved by the Research Ethics Committee of the Federal University of Alagoas (UFAL), under protocol n° CAE: 55827822.9.0000.5013 - n° 5.338.250. It is an exploratory qualitative research. Individual semi-structured interviews were conducted from a script of questions. It was built an invitation composed of text message, containing, in an abbreviated way, the general information of the research and the contact of the researcher. The invitation was shared via WhatsApp and the interviews took place through the Google Meet platform. The interviews were recorded and later transcribed for analysis. The sample consisted of eight individuals aged 18 years or over, of both sexes, with full autonomy and whose native language is Portuguese. The collected data were analyzed through Thematic Analysis, taking into account the considerations of Freudian psychoanalysis. Semi-structured interviews were conducted with eight participants, aged between 20 and 26 years. From the in-depth reading of the transcriptions, three thematic categories were constructed: Funeral rituals: from the registry office to the wake; On behalf of the dead; An inadmissible end. Participants' responses reflect their personal experiences with funeral rites. The practice of funeral and burial are the most cited rituals among respondents. While some individuals reported knowing little about the subject, others brought detailed descriptions of the component stages of the ritual. Amid the responses, the funeral ritual emerges as a socially agreed way to demarcate the end of a person's life. In addition, some participants said they did not personally perceive any sense or function in the funeral ceremony. Still, all participants recognize the importance for those who are alive in organizing and participating in these rites. Certain participants pointed out that the outsourcing of funeral ceremonies is the result of the capitalist context. In addition, some participants pointed out how the pandemic scenario seems to have highlighted the importance of funeral rituals and the lack that their absence brings. While some participants have thought about their own funeral ceremony and have even decided between burial or cremation, other respondents have not considered the topic and see no importance in thinking about it. There are those who have communicated their funeral choices to the people in their social circle, even if succinctly. Other participants reported in greater detail how their own funeral ritual should be conducted. Humor was a resource used to talk about the funeral ritual and the death of oneself. Given the perspectives presented, it is concluded that funeral rites can act as an examination of reality, attesting to the concreteness of the death of the loved one. Still, the deceased individual continues to exist in the psyche of the bereaved, who will need to perform the work of mourning, that is, the necessary libidinal divestment of the lost beloved object. For future research, it is suggested to expand the sample age range and conduct face-to-face interviews.

Keywords: Funeral Rites; Death; Bereavement; Psychoanalysis; Freudian Theory.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	MÉTODO	10
2.1	Tipo de Estudo... ..	11
2.2	Cenário do Estudo, Fonte e Coleta de Dados.....	11
2.3	Amostra, Critérios de inclusão e exclusão... ..	11
2.4	Análise de dados	12
2.5	Cuidados éticos no procedimento da pesquisa.....	12
3.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
3.1	Rituais fúnebres: do cartório ao velório... ..	13
3.2	Em nome dos mortos.....	17
3.3	Um fim inadmissível.....	25
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	32
	APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	35

1. INTRODUÇÃO

Em *Além do Princípio do Prazer*, Freud (1920/2010a) desenvolve a concepção dualista de “instintos de vida” e “instintos de morte”, através da qual expõe a enganosa primazia do princípio do prazer. Enganosa, pois, se os processos psíquicos estivessem inteiramente submetidos a esse princípio, “a grande maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada de prazer ou conduzir ao prazer, quando a experiência geral contradiz energicamente essa ilação” (p. 165). Os “instintos de vida” impulsionam o sujeito em sua caminhada de ser vivente, ao passo que os “instintos de morte” voltam-se para a retomada de um estado originário de não-existência.

A experiência da morte, por sua vez, é uma certeza implacável e inevitável para os seres vivos. O ser humano, consciente de sua mortalidade, desenvolve ideais e rituais acerca da morte, que variam de acordo com a sociedade e o tempo histórico (Elias, 1982/2001). De maneira geral, os rituais fúnebres são caracterizados por uma série de etapas: o corpo do defunto passa por preparações para, então, ser exposto durante o velório; encerrada essa exposição, o corpo pode ser sepultado ou cremado – em caso de sepultamento, é comum que seja construído um monumento marcando a localização daquele que fora enterrado (Bayard, 1996).

Na Idade Média, a humanidade apresentava familiaridade e aproximação com a morte: o moribundo presidia seu falecimento, rodeado por familiares e conhecidos; os mortos eram enterrados nas igrejas e em suas proximidades; e os cemitérios eram espaços em que também se construíam habitações e o comércio era praticado (Ariès, 1977/2012). Tratava-se de uma experiência comum o ato de morrer em casa, cercado por familiares e amigos (Bayard, 1996; Kübler-Ross, 1969/1996). No entanto, ao longo do século XX, o processo de morrer se torna cada vez mais solitário e mecânico, uma vez que o enfermo é levado às pressas para o hospital para ser internado; a partir daí, é submetido a procedimentos por vezes invasivos, na vã esperança de prolongar a vida daquele que já não se encontra consciente (Kübler-Ross, 1969/1996).

Além disso, no século XX a experiência da morte é transformada em um interdito, um assunto proibido e desagradável que deve ser mantido distante dos olhos públicos – a “morte natural”, por assim dizer, é escondida e disfarçada, ao passo que a “morte violenta” é amplamente veiculada pela mídia (Gorer, 1955). A morte torna-se um objeto de consumo, e os rituais fúnebres são terceirizados, repassados para a indústria funerária, que tenta dissimular a decomposição por meio de técnicas de embalsamento, dando ao morto a aparência de que está adormecido (Ariès, 1977/2012; Gorer, 1955).

Em uma sociedade regida pelo capital, o moribundo e o defunto tornaram-se produtos de consumo. A mercantilização da morte e do morrer delimita a maneira como nos relacionamos com esse fenômeno, assim como dá contornos para a realização dos rituais fúnebres: “a gestão do corpo morto, tradicionalmente creditada à família e à comunidade, tem sido transposta para uma dimensão prioritariamente técnica, profissional e mercantil” (Veras & Soares, 2016, p. 4). O processo de mercantilização é também acompanhado por uma negação da morte; não há lugar para envelhecer e morrer em uma sociedade controlada pelo prazer instantâneo, pela obrigatoriedade da felicidade e pela promessa da juventude eterna.

Diante desse cenário, os rituais fúnebres parecem ocorrer de modo obrigatório e automatizado, uma vez que estão esvaziados de seus sentidos anteriores, visto que apresentam cada vez mais um sentido atravessado pela lógica do capital e do consumo. Ainda assim, a realização dos cerimoniais fúnebres ajuda os enlutados a perceberem a realidade do óbito e iniciarem o processo de celebração e recordação do falecido (Testoni et al., 2020). Para que se tenha início o processo do luto, é necessário que se reconheça a concretude da morte; para isso, os rituais fúnebres servem de amparo aos vivos, pois através deles os enlutados podem compreender a existência da nova realidade estabelecida – a realidade em que não há mais a presença daquele que faleceu (Dantas et al., 2020).

O estado de luto é aqui compreendido pela perspectiva freudiana, sendo definido como “a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc.” (Freud, 1917/2010b). Em vista disso, é através da experiência dolorosa do luto que o sujeito consegue desligar a libido outrora investida no objeto perdido, e, a partir daí, tornar-se capaz de realizar novos investimentos libidinais.

Para Souza e Souza (2019), a importância em estudar os rituais fúnebres está

. . . na possibilidade de se compreender as implicações das manifestações humanas diante da morte para a vida dos indivíduos e da sociedade, visto que este tema se encontra intimamente relacionado à forma como as pessoas significam o tema da morte e do morrer e como elaboram perdas por morte (p. 1)

Contudo, na atual sociedade do consumo, os rituais fúnebres ocupam cada vez menos o relevante papel que outrora lhes era designado; os cerimoniais são gradativamente relegados ao esquecimento e terceirizados (Bayard, 1996). A terceirização dos rituais fúnebres é um sinal da dificuldade para encarar o tema proibido da morte. É um tema proibido por escapar ao controle tecnicista, por ser um evento imprevisível, sem retorno. Para Kübler-Ross (1969/1996), o embaraço para pensar a morte pode gerar graves repercussões: “as guerras, os tumultos, o aumento do índice de criminalidade podem ser sintomas da decrescente incapacidade de enfrentar a morte com resignação e dignidade” (p. 26).

Pensar a morte é, também, pensar nos rituais que a acompanham. Durante a pandemia da COVID-19, restrições sanitárias modificaram os cerimoniais fúnebres. Os enterros aconteciam em massa, os sepultamentos se davam com o caixão fechado, e o velório tinha o tempo de duração obrigatoriamente reduzido. As limitações impostas aos rituais foram experienciadas pelos enlutados como vivências traumáticas, tendo em vista que a despedida ao morto não ocorria da maneira desejada, e a morte era percebida com incredulidade e revolta (Cardoso et al., 2020; Crepaldi, Schmidt, Bolze, Azeredo & Gabarra, 2020).

Diante das perspectivas apresentadas, depreende-se a relevância em investigar a temática dos rituais fúnebres, tendo em vista que os cerimoniais estão relacionados a processos de sofrimento psíquico, “com sérias implicações para a saúde mental dos indivíduos e para a vida social” (Souza & Souza, 2019, p. 1). Pesquisar sobre os rituais fúnebres e os sentidos a eles atrelados é, também, defrontar-se com a temática do luto e com a maneira socialmente estabelecida de pensar, lidar e representar morte.

Sendo assim, o objetivo geral da presente pesquisa é identificar os sentidos dos rituais fúnebres na atualidade, e os objetivos específicos são investigar as repercussões do contexto sócio histórico na atribuição de sentidos aos rituais fúnebres; e analisar os sentidos desses rituais identificados a partir do aporte teórico da psicanálise freudiana.

2. MÉTODO

2.1 Tipo de Estudo

Trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo. A pesquisa da modalidade exploratória é aquela que permite, ao pesquisador(a), uma aproximação do objeto de estudo a partir de uma visão geral dos fatos (Gil, 2008). Já a abordagem qualitativa possibilita “o estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam” (Minayo, 2014, p. 57).

2.2 Cenário do Estudo, Fonte e Coleta de Dados

Foram realizadas entrevistas individuais do tipo semiestruturada, de modo *on-line*, partindo de um roteiro de perguntas (Apêndice 1). O roteiro de entrevista semiestruturada foi construído com o intuito de direcionar a interlocução, sem, com isso, eliminar a possibilidade do surgimento de novos tópicos trazidos pelo entrevistado – isto é, o roteiro semiestruturado permite uma flexibilidade na condução da entrevista (Minayo, 2014).

Para tanto, foi construído um convite composto por mensagem de texto, contendo, de maneira abreviada, as informações gerais da pesquisa e o contato da pesquisadora (número de telefone e endereço de e-mail). Foi criado um endereço de e-mail específico e exclusivo para a pesquisa, do qual somente a equipe pesquisadora possui acesso. O convite foi encaminhado via aplicativo *WhatsApp* para ampla divulgação. Com isso, possíveis interessados em participar da pesquisa entraram individualmente em contato com a pesquisadora. Os potenciais participantes, caso cumprissem os critérios de inclusão da amostra, participaram de uma entrevista conduzida de maneira virtual, através de chamada de vídeo pela plataforma *Google Meet*. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para análise.

2.3 Amostra, Critérios de inclusão e exclusão

A amostra foi composta por oito indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos, de ambos os sexos, com autonomia plena e cuja língua materna é o português. Foram excluídos da amostra pessoas com comprometimento cognitivo grave (demências), aquelas que não se disponham à entrevista, e aquelas que realizaram o agendamento, mas que não prosseguiram com a entrevista.

2.4 Análise de dados

Os dados coletados foram analisados através da Análise Temática preconizada por Minayo (2014), tendo em conta os pressupostos da psicanálise freudiana.

2.5 Cuidados éticos no procedimento da pesquisa

Em conformidade com as Resoluções Nº 466/2012 e Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, a pesquisa seguiu as diretrizes éticas indicadas nesses documentos. Foi garantida, dentro das limitações, a confidencialidade e a privacidade dos participantes em todas as etapas da pesquisa (contato inicial, realização das entrevistas, publicização dos resultados). A pesquisadora utilizou, durante as entrevistas, fones de ouvido, com vistas a preservar o sigilo das informações. Além disso, as entrevistas foram conduzidas em espaço privado, onde não haja a presença ou circulação de pessoas não envolvidas na pesquisa. Assegurou-se a privacidade do participante ao longo de toda a entrevista individual semiestruturada.

As entrevistas só tiveram início com o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelo participante. Em um primeiro contato, foi agendado um “diálogo” para a leitura e apresentação do TCLE; com a aceitação, procedeu-se a entrevista, no momento ou em novo agendamento. O TCLE foi confeccionado através da plataforma online “Formulários Google”; após a sua leitura e apresentação, estava disposto na página as opções “Estou de acordo” e “Não estou de acordo”. Com a seleção da opção “Estou de acordo”, o participante era direcionado para uma nova seção do formulário, para preencher as seguintes informações: nome completo, endereço e telefone para contato.

Somente a pesquisadora teve acesso aos formulários preenchidos. O TCLE contou com informações gerais da pesquisa (natureza da pesquisa, objetivos, justificativa, métodos), além dos riscos, benefícios, e garantia de assistência (imediate e integral) ao participante, caso necessária. Cada participante foi informado de que, a qualquer momento, poderia retirar seu consentimento e interromper a participação na pesquisa. A apresentação do TCLE procedeu de modo claro e acessível, considerando as particularidades de cada entrevistado.

Tendo em conta que todas as etapas da pesquisa foram realizadas de modo virtual, seguiram-se as diretrizes contidas no Ofício Circular Nº 2/2021/CONEP sobre as “orientações

para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual”. Após o preenchimento do TCLE pelo participante, foi realizado o download do formulário para que seja armazenado em espaço físico, isto é, em um *pendrive* de propriedade exclusiva da pesquisadora. Dessa forma, os formulários preenchidos foram excluídos da plataforma virtual utilizada. Uma cópia do TCLE foi enviada a cada participante. Ademais, todos os dados coletados na pesquisa (gravações das entrevistas, transcrições, formulários preenchidos do TCLE) foram transferidos para o referido *pendrive*; nenhum deles foi mantido em qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado, “nuvem” ou no computador da pesquisadora.

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), sob protocolo nº CAE: 55827822.9.0000.5013 – parecer nº 5.338.250.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com oito participantes, com idade entre 20 e 26 anos, sendo 5 do gênero feminino, 2 masculino e 1 não-binário. Sete são residentes do estado de Alagoas, e um reside no Paraná. As entrevistas apresentaram duração média de 21,4 minutos. A partir da leitura em profundidade das transcrições, construíram-se três categorias temáticas: Rituais fúnebres: do cartório ao velório; Em nome dos mortos; Um fim inadmissível.

3.1 Rituais fúnebres: do cartório ao velório

Esta categoria reúne as respostas sobre o entendimento de cada participante a respeito da ritualística fúnebre. Enquanto alguns indivíduos relataram saber pouco acerca do assunto, outros trouxeram descrições detalhadas das etapas componentes do ritual. As respostas dos participantes refletem, de certa maneira, suas experiências pessoais com os ritos funerários, seja participando diretamente ou indiretamente de algum cerimonial. Esse achado está em concordância com Giamattey, Frutuoso, Bellaguarda e Luna (2022): “Quando pensamos em ritual fúnebre, é muito possível que a imagem que nos venha à mente seja aquela que mais se alinha com nossa cultura e crença” (p. 5).

A., 22 anos: *“Primeira coisa que me vem à cabeça é velório porque é o mais próximo da minha realidade. Mas rituais fúnebres pra mim são todo tipo de ritual que acontece em alguma cultura, que marca o fim da vida de uma pessoa. Mas é como se fosse um ritual de passagem, a pessoa passou dessa pra melhor”*

L., 26 anos: *“Aqui no Brasil as pessoas se juntam, a partir do momento do anúncio da morte da pessoa e se organiza um local ali, junto com alguns adereços, algumas coisas, como flores, e o caixão nê, que é uma caixa de madeira ali na maior parte das vezes, para se despedir das pessoas. Então eles pegam e ficam algum tempo por ali, conversando, às vezes lembrando de coisas que passou com essa pessoa... E depois segue para a despedida, que é o enterro em si”*

É possível pensar, a partir das falas, que o ritual fúnebre surge enquanto um modo socialmente convencionado para demarcar “o fim da vida de uma pessoa”. É apontado, portanto, como um ritual de passagem, através do qual se delimita o novo estado no qual se encontra a pessoa que veio a falecer. Com isso, identifica-se um dos importantes papéis que os rituais fúnebres servem para aqueles que estão vivos: auxiliam na simbolização e elaboração da perda, demarcando, socialmente, a passagem do indivíduo pela morte (Souza & Souza, 2019).

A prática do velório e do enterro são os costumes mais citados entre os entrevistados. O velório é descrito como uma ocasião em que as pessoas se reúnem, por vezes para relembrar os momentos de convívio com o falecido. Alguns adereços são característicos dessa etapa: as flores e o caixão, definido como uma “caixa de madeira”. O momento de despedida em si é o enterro, ocasião em que o caixão é disposto na cova.

Em suas respostas, alguns entrevistados parecem se distanciar da concretude do cerimonial funerário:

L., 23 anos: *“Aqui a gente só enterra mesmo. É porque eu não vou muito para enterro e essas coisas, porque eu não gosto”*

A afirmação “aqui a gente só enterra mesmo” pode indicar uma certa reserva quanto ao tópico em questão. O foco recai naquela que parece ser a etapa final da ritualística. A descrição sucinta do que seriam os ritos fúnebres é passível de ser explicada pela constatação de que o entrevistado não gosta de “enterro e essas coisas”.

Com a constatação da morte, o sujeito se vê perante um corpo inanimado; um corpo que, outrora, ocupou o mundo e nele deixou rastros. O defunto, em todo seu silêncio, anuncia sua ausência aos vivos. Sua inércia é quase impossível de ser ignorada – por mais que se tente, na dor, desviar o olhar. O sujeito vivo, esse sim, tenta a todo custo fazer o “exame de realidade”, reencontrar-se com aquele que já não está, que já se foi – se é que um dia já esteve. Freud (1925/2011) desde logo anunciava: “A meta inicial e imediata do exame de realidade não é, portanto, encontrar na percepção real um objeto correspondente ao imaginado, mas sim reencontrá-lo, convencer-se de que ainda existe” (p. 252).

Segundo Kübler-Ross (1969/1996), o primeiro estágio do luto vivenciado por pacientes terminais é o estágio da negação. Esse estágio é uma defesa temporariamente instituída pelo sujeito moribundo diante da constatação da doença terminal. Conforme a autora: “A negação funciona como um para-choque depois de notícias inesperadas e chocantes, deixando que o paciente se recupere com o tempo, mobilizando outras medidas menos radicais” (p. 47). O paciente pode, inicialmente ou em estágios posteriores da doença, lançar mão da negação como um amortecimento da notícia de sua doença.

Independente de apresentar ou não uma doença terminal, deparar-se com a morte faz parte da experiência de cada sujeito. Perante a brevidade da vida, ele pode assumir duas distintas posições em sua psique (Freud, 1916/2010c). A primeira posição é a do cansaço pelo mundo; a segunda é a de revolta contra a constatação da transitoriedade. O exame de realidade feito pelo sujeito aponta para a impossibilidade da imortalidade; ainda assim, o falecido continua a existir na psique do enlutado (Freud, 1917/2010b) e o sujeito, ele próprio, é imortal em seu inconsciente (Freud, 1915/2010d). A libido apresenta uma fixação no sujeito falecido; tal fixação pode ajudar a entender o conceito de luto: “Só percebemos que a libido se apega a seus objetos e, mesmo quando dispõe de substitutos, não renuncia àqueles perdidos. Isso, portanto, é o luto” (Freud, 1916/2010c).

Determinados participantes incluíram também os procedimentos legais como parte integrante da ritualística fúnebre. Foi o caso de E., 26 anos:

“Eu considero que entraria também a questão de fazer a certidão de óbito, você ir no cartório, para mim isso também faria parte desse ritual”

Assim como a certidão de nascimento circunscreve a entrada do indivíduo na vida social, a certidão de óbito parece sinalizar – para as instituições estatais – a sua saída da vida comunitária. Essa situação pode ser exemplificada através da seguinte fala de L., 26 anos, quando afirma:

“Esses rituais existem para as pessoas que construíram uma vida em sociedade, basicamente. Eu acredito que pessoas as quais vivem em regiões muito afastadas e sozinhas, pessoas que acabam morrendo sem documentação, no caso não teriam acesso [ao ritual fúnebre]”

Ainda que seja um procedimento exigido pelo Estado, a ida ao cartório é descrita por um dos participantes como um “negócio chato”, tendo em vista o desconforto para dar conta de processos burocráticos estando em um momento de luto.

J., 25 anos: *“Negócio chato, viu? A pessoa acaba de perder uma pessoa, a pessoa tem que ir no cartório, a pessoa tem que não sei que, é um saco tudo isso. Porque você tá lá todo no processo de luto, aí você chora, enfim”*

Há também aqueles que, para definir e exemplificar os ritos funerários, recorrem a paralelos com cerimoniais conduzidos em outros países e em outras épocas.

S., 24 anos: *“Os nórdicos antigamente tinham aquele negócio de botar o pessoal no barco e jogar uma flecha com fogo, esse tipo de coisa, mas... atualmente, só funerais eu acho, né”*

L., 26 anos: *“Quando eu estava na Tailândia eu fui em um, dois velórios. O velório da pessoa, ela ficava lá tipo, meio que a céu aberto, assim, por uma semana ou um mês, pelo que entendi”*

No geral, em suas respostas, os participantes não estiveram restritos aos ritos convencionais do contexto brasileiro atual (isto é, velório e enterro). Ao pensar sobre as diferentes maneiras possíveis para realizar o cerimonial fúnebre, eles puderam comparar os ritos testemunhados com aqueles de tradições presentes em outras culturas e em outras épocas. Esse achado está em conformidade com as colocações de Freud “. . . o ser individual se encontra não apenas sob o influxo do seu meio cultural presente, mas está sujeito também à influência da história cultural de seus antepassados” (1915/2010d, pp. 164 – 165).

3.2 Em nome dos mortos

A presente categoria contém as respostas dos participantes sobre quais seriam os possíveis sentidos presentes na realização dos ritos funerários. Alguns entrevistados afirmaram não perceber, pessoalmente, algum sentido ou função no cerimonial fúnebre. Ainda assim todos reconhecem a importância, para aqueles que estão vivos, em organizar e participar desses rituais.

L., 26 anos: “Existem pessoas que conseguem lidar bem e talvez isso seja algo supernecessário para com que elas consigam deixar a pessoa efetivamente ir da vida delas, e começar outro ciclo. Mas, para mim, particularmente até hoje eu não vi essa necessidade. Esses rituais em si, eu particularmente não precisaria deles para dizer adeus”

O trecho acima ilustra o reconhecimento da importância social dos rituais fúnebres. Embora não possua, particularmente, a necessidade em participar de um rito funerário para “dizer adeus”, esse mesmo participante destaca que, para algumas pessoas, os ritos podem auxiliá-las a começar um novo ciclo, a “deixar a pessoa efetivamente ir da vida delas”.

Nos excertos transcritos abaixo, os entrevistados evidenciam outras possíveis funções assumidas pelos rituais: uma forma de lidar com a morte de alguém, uma maneira de retirar o peso da consciência, um modo de despedida, um alívio da culpa, uma última oportunidade para conversar com o ente querido, ainda que falecido:

S.: “É que o ritual fúnebre é mais importante para quem tá vivo no geral, do que qualquer coisa. Antigamente era mais por questões religiosas e crenças, hoje em dia

até um pouco também, mas... no geral, é mais para as pessoas vivas terem uma forma de lidar com isso, com a morte de alguém”

M., 20 anos: *“A parte do velório é mais pra você acho que tirar o peso da consciência de você poder se despedir, poder falar as coisas que você não conseguiu enquanto estava vivo, mas para aliviar um pouco a culpa das pessoas que ficam. Tem gente que abraça, que beija”*

Conforme destacado nos trechos acima, os rituais fúnebres desempenham importante papel para os vivos. Em conformidade com os resultados do presente estudo, a pesquisa de Silva, Silva, Turrini, Marcon e Silva (2019) junto a 69 familiares enlutados constatou que a realização e a participação em rituais fúnebres foi um dos elementos facilitadores para a elaboração do luto. Ademais, a pesquisa de Banyasz, Weiskittle, Lorenz, Goodman e Gregorio (2017) realizada com 162 participantes demonstrou que o fator “passar um tempo sozinho com o falecido” foi o mais citado enquanto atividade facilitadora no processo do luto.

O cerimonial fúnebre – e toda a sua ritualística – pode atuar como “um processo de despedida”, conforme mencionado por J., participante da pesquisa:

“Para mim é um processo de despedida, né? E eu acho muito bonito. Eu acho muito bonito esse processo de despedida. É muito triste, mas é muito bonito”

A despedida é, efetivamente, um processo. A libido outrora investida no ente querido precisará atravessar, diante de sua morte, um percurso de desinvestimento e de novas escolhas objetais. Esse processo é marcado por um abatimento do enlutado. Para Freud (1917/2010b):

O luto profundo, a reação à perda de um ente amado, comporta o mesmo doloroso abatimento, a perda de interesse pelo mundo externo — na medida em que não lembra o falecido —, a perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor — o que significaria substituir o pranteado —, o afastamento de toda atividade que não se ligue à memória do falecido (p. 129).

Para atravessar o luto, será necessário reconhecer o novo estado de não-existência da pessoa amada. Os rituais fúnebres podem auxiliar na constatação da concretude da morte. Na presente pesquisa, parte-se do pressuposto de que os ritos funerários são capazes de atuar como um “exame da realidade”, conforme elaborações freudianas: “O exame da realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, e então exige que toda libido seja retirada de suas conexões com esse objeto” (Freud, 1917/2010b, p. 129). É o que parece dizer a fala do participante A., 23 anos:

“No fundo, talvez seja até mais pros vivos do que pra pessoa que faleceu, porque no fim das contas a gente tá fazendo aquilo porque a gente quer ter essa sensação de que... precisava ser feito, né? É importante porque mesmo sendo um momento muito triste, a gente sabe que está fazendo o que pode fazer pela memória daquela pessoa no momento. Está honrando, digamos assim”

O excerto acima destacado reitera, novamente, a função desempenhada pelos ritos funerários para aqueles que estão vivos. É um momento importante por “honrar” o falecido e a sua memória. Perante a realidade da morte, a memória do defunto pode ser reavivada por aqueles que estão presentes no cerimonial fúnebre. E o defunto, ainda que já não possua uma presença física, continua a existir na psique dos enlutados: “. . . a existência do objeto perdido se prolonga na psique” (Freud, 1917/2010b, p. 129). As lembranças também estão investidas de libido; “cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é enfocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido”(p. 129).

L., 23 anos: *“Eu fui criada numa cultura que a morte é uma coisa de tristeza, de lamentação”*

Não obstante a morte e o luto estarem associados a “tristeza e lamentação”, o decurso do luto não é entendido na presente pesquisa como um estado patológico. Consoante as elaborações freudianas, “. . . jamais nos ocorre ver o luto como um estado patológico e indicar tratamento médico para ele, embora ocasione um sério afastamento da conduta normal da vida” (Freud, 1917/2010b, p. 128). Em continuidade apresenta-se a fala do participante:

A., 22 anos: *“Eu sei que a morte em outras religiões e outras culturas é entendida de outra forma. Mas, eu imagino que o meu jeito como pessoa branca de encarar a morte é diferente”*

do jeito de uma pessoa indígena, que é diferente do jeito de uma pessoa quéchua, e por aí vai. Porém, eu acredito que em todas essas culturas, elas têm um ponto em comum de servir para alguma coisa para os vivos. Seja como despedida, seja como um acalento, seja como preparação”

A passagem apresentada destaca a compreensão, pelo participante, da função dos ritos funerários independente das diferenças culturais. Apesar de a morte ser concebida de diferentes maneiras, em todas as culturas a ritualística fúnebre “serve aos vivos”. Na literatura acadêmica, há pesquisas focadas em investigar os ritos funerários em distintos contextos culturais. Helsel, Thao e Whitney (2019) investigaram as crenças envolvidas nos cuidados terminais oferecidos a pacientes da comunidade americana Hmong. Por meio de entrevistas semiestruturadas com 15 cuidadores e com 5 xamãs e oficiantes funerários Hmong, foi identificado que as pessoas dessa comunidade desejam morrer em casa, e que os familiares estão intimamente envolvidos nos rituais funerários. A pesquisa de Dennis e Washington (2018), por sua vez, contou com a participação de idosos da comunidade americana de Ojibwe. As autoras constataram que os idosos não apresentavam aversão ao falar da morte e eram capazes de relatar, com detalhes, o planejamento de seus próprios rituais funerários.

A seguir, o entrevistado descreve o desconforto em testemunhar o ente querido morto, disposto em um caixão:

L., 26 anos: “Esse tipo de ritual, se fosse para fazer, que já fizesse com o caixão fechado e já fosse para o enterro, entendeu? Porque eu prefiro guardar o que a gente já passou ali junto, do que ver a pessoa ali naquele momento. Eu não vejo muito sentido para mim particularmente. Não é algo que me conforta. Tem algo imutável ali, sabe. A pessoa morreu. Isso não vai mudar”

Para o participante, é preferível que o caixão se encontre fechado e siga diretamente para o enterro, não havendo o período do velório com o defunto exposto. Assim, a memória guardada é composta pelas lembranças do falecido enquanto vivo; não haveria, desse modo, o testemunho visual de seu corpo morto.

Resultados divergentes foram encontrados na literatura acadêmica. A pesquisa de Mowll, Lobb e Wearing (2016) com 64 parentes enlutados buscou investigar a experiência de

“ver” ou “não ver” o corpo após uma morte repentina e inesperada. Apesar das dificuldades, a maioria dos participantes não se arrependeu de ter visto o corpo. Ainda que ele estivesse em estado avançado de decomposição, ou com a aparência alterada devido a uma morte violenta, os participantes relataram que “enxergar”, “testemunhar” o falecido em seu local de morte – ou no necrotério – auxiliou no processo de luto, ajudando a trazer um “senso de realidade” ao evento. Os parentes também expressaram a importância de cuidar fisicamente do corpo, preparando-o para o funeral. Além disso, o funeral contribuiu para que os parentes enlutados guardassem uma memória mais pacífica do falecido, amenizando a imagem do corpo recém-descoberto (Mowl et al., 2016).

O fragmento abaixo destaca o contraste entre o antigo manejo fúnebre e a ritualística atual. De acordo com o participante, “um verdadeiro ritual” envolveria o manuseio e o cuidado com o defunto, feito diretamente por seus parentes. Na atualidade, tal manuseio é terceirizado pela indústria funerária. Essa terceirização é “sintomática” do momento presente, no qual as pessoas não possuem mais tempo para preparar e manejar o corpo do defunto.

A., 22 anos: “Hoje em dia a gente não tem tempo de sentir luto mais. Eu entendo que era realmente um ritual de você ir limpar o corpo e fazer não sei o que com o corpo. Hoje em dia a gente terceiriza, e eu acho que uma das coisas é que ninguém tem tempo nem saúde mental mais. Então eu acho que a falta de um ritual fúnebre ser um verdadeiro ritual em vez do momento do velório e enterro, é uma coisa sintomática do momento que a gente tá vivendo, de produtividade muito avançada”

De acordo com Veras e Soares (2016), relacionamo-nos cada vez mais com a morte e com os mortos a partir da lógica econômica, comercial e técnica; a mercantilização precisa tornar a morte um produto, e para ser produto necessita ser “atraente”. Para alcançar esse objetivo, os autores apontam estratégias adotadas pela indústria funerária para disfarçar os sinais de sofrimento e decomposição: emprego de técnicas de embalsamento, tanatopraxia e necromaquiagem.

A morte torna-se, então, mais “aceitável”, ainda que permaneça um interdito. A negação diante da morte é escancarada pela própria maneira na qual essa é descrita, sempre através de eufemismos. Ao se negar a morte, esvazia-se os sentidos dos rituais fúnebres, pois esses são realizados “apenas de forma protocolar, sem possibilitar aos participantes a manifestação de sentimentos, o reconhecimento de seu luto e o suporte social necessário em um momento de crise como esse” (Souza & Souza, 2019, p.6).

Apesar disso, é destacada mais uma vez a função de despedida desempenhada pelos rituais fúnebres. O participante supracitado ressalta, no trecho abaixo: “se não tivesse função, acho que ninguém fazia”. E ninguém faria por não dispor mais de tempo. Logo, o ritual é conduzido por ainda ter uma função, visto que num contexto de “produtividade muito avançada”, as atividades sem uma função aparente – e que não servem aos interesses do mercado – são abandonadas. É o que surge nas falas do participante A., de 22 anos:

“Eu vejo que é uma forma das pessoas, em grupo, se despedirem de alguém. Até porque ninguém tem tempo mais. Se não tivesse função, acho que ninguém fazia”

“Para a minha tia-avó, é uma social. [O enterro] é a forma de ela ver parentes e amigos que ela não vê há muito tempo. Ela não vai para festa, ela não sai com muitas pessoas, então quando tem um enterro ela sempre está lá, porque é a forma dela de ver pessoas”

O enterro é uma das maneiras encontradas por esse parente para rever pessoas e interagir com elas. O cenário dos rituais fúnebres em questão (velório e enterro) pode propiciar a reunião, em um só espaço, de familiares, amigos e conhecidos. Essa reunião possibilita encontros – e desencontros – entre indivíduos que, muitas vezes, não se veem há bastante tempo, ou se encontram apenas esporadicamente, rapidamente. Segundo Woodthorpe (2017), os rituais fúnebres podem propiciar rearranjos familiares, reafirmando ou rejeitando as posições ocupadas por cada membro, uma vez que a reunião da família no funeral permite aos participantes a demonstração do status que ocupam na unidade familiar.

Embora morrer seja uma certeza implacável, a passagem seguinte ilustra precisamente o modo como os sujeitos se relacionam com a morte:

J.: *“A morte aparece a qualquer momento. Mas a gente não pensa muito sobre isso quando a gente é jovem, né”*

Apesar de a morte ser comumente associada a velhice, qualquer indivíduo está sujeito a morrer, independentemente da idade. A despeito da faixa etária, Freud (1915/2010d) afirma não ser possível conceber a própria morte. Mesmo que se tente imaginá-la, o sujeito consegue, no máximo, colocar-se como observador, como uma terceira pessoa assistindo a si mesmo morto. Segundo o autor, “no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade” (p. 171).

Os excertos apresentados a seguir destacam os impactos ocasionados pela pandemia da COVID-19 na percepção da morte e dos ritos fúnebres.

J.: *“Sempre que alguém morre próximo a gente, a gente começa a pensar sobre a morte, porque a gente normalmente não pensa quando não tá no nosso dia a dia. Foi uma coisa que aconteceu muito com a questão da COVID, né?”*

Ao longo da pandemia e, principalmente nos períodos com maiores taxas de infecção e mortalidade, tornou-se corriqueiro acompanhar nos canais de notícia a rápida escalada no número de mortes no Brasil e no mundo. A morte parecia espreitar cada esquina, cada beco, cada aperto de mão. Uma névoa de incerteza e medo pairava sob grande parte da população brasileira. Não havia segurança, nem a certeza da segurança de que se estaria vivo hoje, amanhã e depois. Apesar da existência de grupos de riscos e pessoas em vulnerabilidade social, qualquer um poderia adoecer e vir a falecer decorrente da infecção pela COVID-19. Assim, a população encarou diariamente a realidade da morte e do morrer:

E: *“Eu tive essa noção realmente na pandemia. Nessa época as pessoas não podiam nem ver. Mas a sensação que dava é que eles só colocavam a pessoa, né, o corpo no caixão, fechava, ia pra funerária, colocavam ao ar livre para poder ter mais pessoas, mas não podia abrir. E aí muita gente colocava assim: ‘nossa, mas não vou poder tocar, eu não dei um abraço no meu pai, na minha mãe’”*

O trecho acima evidencia como o participante percebeu, diante da pandemia, a importância dos rituais fúnebres. Devido a restrições sanitárias o velório precisava ter, obrigatoriamente, um número restrito de participantes, e o caixão deveria permanecer fechado. Os rituais fúnebres ocorriam de modo rápido e em larga escala. Este participante (E.) testemunhou indivíduos que, diante das interdições, queixaram-se de não poder tocar ou abraçar o falecido. Nem sequer podiam vê-lo, uma vez que o caixão não poderia ser aberto. Tal constatação está de acordo com as considerações de Giamattey et al. (2022): “a pandemia veio de uma forma avassaladora, atropelando a organização e realização dos rituais funerários e de despedidas das famílias e seus desdobramentos: funeral, cremação, sepultamento, luto” (p. 3).

O cenário pandêmico parece ter posto em evidência a importância dos rituais fúnebres e a falta que sua ausência traz. Não somente aqueles diretamente afetados com o falecimento de um ente querido, mas toda a população esteve constantemente advertida do número de infectados e de mortos. Conforme destacam Kind e Cordeiro (2020): “Observamos enterros em massa, covas abertas por escavadeiras, caixões empilhados e a despersonalização que acompanha as atualizações epidemiológicas” (p. 7). A morte em massa pode transformar pessoas em números, pondo em risco as memórias e as histórias de cada vítima da pandemia.

Em seu texto “Considerações atuais sobre a guerra e a morte”, Sigmund Freud (1915/2010d) tece observações acerca das atitudes dos indivíduos perante o cenário de morte em massa. É possível traçar um paralelo entre o elevado montante de mortos na primeira guerra mundial – contexto no qual o texto freudiano está inserido – e o incomensurável número de vítimas pela COVID-19. Na superfície, os sujeitos tratavam a morte com naturalidade, como um fato “natural, incontestável e inevitável” (p. 171). Contudo, destaca Freud, a realidade sobre nossa atitude perante a morte é outra: “manifestávamos a inconfundível tendência de pôr a morte de lado, de eliminá-la da vida” (p. 171). Essa tendência se torna praticamente insustentável quando a morte surge de modo maciço, e os mortos, aos montes.

Tal tendência em eliminar a morte da vida é descrita por Freud (1915/2010d) como uma “postura cultural-convencional”. E prossegue:

Essa postura cultural-convencional diante da morte é complementada pelo total colapso que sofremos quando morre alguém que nos é próximo, um genitor ou cônjuge, um irmão, filho ou amigo precioso. Enterramos com ele todas as nossas

esperanças, ambições, alegrias, ficamos inconsoláveis e nos recusamos a substituir aquele que perdemos (p. 172).

É esperado que haja uma recusa inicial em substituir o objeto perdido por outro. Afinal, o objeto permanece e insiste em permanecer “vivo” na psique do sujeito enlutado. Não é somente a presença física que morre, desaparece e se esvai; as expectativas investidas no falecido também são “enterradas” junto com o defunto – e assim se espera que aconteça. Esse processo, evidentemente, demanda tempo. É aquilo que a teoria freudiana denomina luto.

3.3 Um fim inadmissível

Nesta categoria serão descritas e analisadas as respostas dos participantes quanto a última pergunta, qual seja: “Você já planejou seu próprio ritual fúnebre?” (vide Apêndice 1). Além disso, a categoria abrange as falas dos entrevistados sobre se e como o planejamento foi comunicado para familiares, amigos e cônjuges.

As respostas divergem quanto ao tópico em questão. Enquanto alguns participantes já pensaram sobre o assunto e até decidiram entre o enterro ou a cremação, outros não cogitaram o tema e não percebem importância em pensar sobre ele. Há aqueles que comunicaram suas escolhas fúnebres para as pessoas de seu círculo social, ainda que de maneira sucinta. Outros participantes relataram, com maiores detalhes, a maneira com que seu próprio ritual fúnebre deve ser conduzido, informando, inclusive, para as pessoas de seu convívio mais próximo.

A variedade de respostas para o tópico em pauta pode ser exemplificada nos fragmentos a seguir:

S.: “Eu particularmente não ligo muito para isso. Eu não teria problema se simplesmente não tivesse ritual fúnebre para mim”

L., 26 anos: “Prefiro ser enterrada. Porque já tem ali, uma coisa que eu penso é ser enterrada na minha cidade, é... perto do meu pai e do meu avô”

No primeiro trecho, o participante afirma não “ligar muito para isso”. Para ele, não haveria problema se não houvesse ritual fúnebre para si; deste modo, não relatou ao longo da entrevista qualquer planejamento ou preferência para seu próprio cerimonial funerário. Já no segundo trecho, a participante comunica sua vontade em ser enterrada – e enterrada próximo ao seu pai e ao seu avô.

Alguns participantes expressaram, a despeito do modo cômico de dizer, o desejo de que seus órgãos sejam doados: “*Se o meu corpo estivesse bom, tipo, se eu fosse morrer e ainda prestasse alguns órgãos eu ia querer que doasse*” (Participante L., 23 anos); “*Uma coisa que eu já conversei né, com o meu namorado, que é que eu quero doar órgãos, assim, se for possível, se estiver tudo inteiro ainda (risos)*” (Participante E., 26 anos).

As expressões “se eu fosse morrer e ainda prestasse alguns órgãos” e “se estiver tudo inteiro ainda” demonstram o uso do cômico enquanto artifício para tratar do tema. O cômico também pode ser encontrado no seguinte excerto:

A. 22 anos: “*Eu já falei para minha família assim, que seria muito engraçado se no meu velório alguém pegasse a coroa de flores e jogasse pra trás para ver quem ia ser o próximo. Eu acho que seria bastante divertido*”

O humor parece ser uma estratégia utilizada para que se possa falar da morte – e, mais especificamente, da morte de si mesmo. No trecho acima, o entrevistado faz referência ao costume, presente nos casamentos ocidentais, em que a noiva joga o buquê de flores para trás. Aquele que consegue pegar o buquê seria o próximo a casar. No dizer do participante, a lógica é a mesma: quem for acertado pela coroa de flores, será o próximo. O próximo, porém, não a casar, mas sim a morrer.

Ao tratar do t3pico do humor, Freud (1927/2014) indicou duas maneiras atrav3s das quais ocorre o processo humor3stico:

. . . ou numa 3nica pessoa que adota ela mesma a atitude humor3stica, enquanto outra pessoa tem o papel de espectador e fruidor, ou entre duas pessoas, das quais uma n3o tem participa3o nenhuma no processo, mas a outra toma esta pessoa como objeto de sua considera3o humor3stica (p. 263).

Independente do modo em que ocorre, o humor parece produzir “um ganho de prazer” tanto para quem enuncia quanto para quem escuta. E o autor acrescenta: “n3o h3 d3vida, a ess4ncia do humor consiste em que o indiv3duo se poupa dos afetos que a situa3o ocasionaria e, com uma piada, afasta a possibilidade de tais express3es de afeto” (p. 264). Sendo assim, utilizar-se do humor para falar da morte de si e dos ritos f3nebres parece ser um recurso empregado para se afastar de afetos geralmente associados a tem3tica: tristeza, luto, sofrimento – afetos irrompidos diante da morte do outro, que tamb3m anuncia a minha pr3pria finitude da qual nada quero saber.

No trecho a seguir encontra-se um apelo para que o funeral “n3o fosse assim t3o triste”. Novamente, o humor surge como um recurso poss3vel para planejar e dizer sobre seu pr3prio ritual f3nebre:

E.: “*Eu n3o tenho planejado de dizer: ‘ah, eu quero tal roupa, eu quero que seja assim, eu quero que tal pessoa esteja presente’. Mas eu queria algo que n3o fosse assim t3o triste. Assim, eu sei que vai ter a tristeza, mas eu queria algo que fosse mais alegre, sabe? Que as pessoas ali presentes pudessem fazer um movimento de minimizar a tristeza e pensar nas coisas boas que de alguma forma aconteceram e eu estava presente, n3o que necessariamente tenha sido eu, sabe?’*”

A despeito de saber “que vai ter tristeza”, o participante gostaria de que seu pr3prio ritual f3nebre pudesse ser “algo que fosse mais alegre”. Para isso, as pessoas presentes em seu funeral poderiam “minimizar a tristeza” ao relembrar os acontecimentos bons vivenciados e compartilhados com o entrevistado.

A escolha entre o enterro e a crema3o parece ser influenciada pela tradi3o familiar, pelas cren3as pessoais e at3 por quest3es pr3ticas e financeiras.

E.: *“Eu não penso na questão de ser cremada, talvez pela questão familiar, ninguém nunca foi cremado na minha família, a gente gosta de visitar o túmulo”*

No trecho acima, a participante afirma: “a gente gosta de visitar o túmulo”, referindo-se ao costume presente entre seus familiares do sepultamento. Essa constatação é reforçada pelo enunciado “ninguém nunca foi cremado na minha família”. Diante desse contexto, o participante não pensa na “questão de ser cremada”.

Por sua vez, o excerto abaixo destaca a escolha pela cremação motivada por uma crença pessoal. Se do pó viemos e ao pó retornaremos, a cremação parece ser a técnica de preferência – e referência – para o participante.

J.: *“Eu gostaria que me cremassem. Porque assim, eu acredito muito naquele negócio do, como é que chama? Do pó viemos, do pó retornaremos, um negócio assim, né?”*

A escolha pela cremação também está destacada no trecho abaixo:

L., 23 anos: *“Eu queria ser mais cremada do que enterrada. Vamos imaginar a depilação, a gente quer que puxe logo de uma vez para se livrar logo. Então prefiro tipo, me desfazer por completo”*

A participante L. realiza um paralelo entre depilação e cremação. Esses procedimentos, ainda que essencialmente distintos, parecem carregar em si um ponto em comum: a pressa em “se livrar logo”. Na depilação, é preferível que se puxe de uma vez “para se livrar logo” - do quê? Presume-se da dor inevitável de se depilar. Já a cremação se apresenta, no dizer da participante, enquanto uma técnica para “se desfazer por completo”; uma técnica para que seu corpo físico inanimado seja desmanchado sem atravessar, necessariamente, todas as etapas da decomposição.

A morte de si próprio é uma ideia inconcebível para o sujeito que acredita, inconscientemente, em sua imortalidade. A escolha pela cremação pode ocorrer devido a diversos motivos, tais como questões religiosas, financeiras e práticas. Contudo, a cremação

pode ser a técnica elegida pelo sujeito perante a dificuldade em se imaginar morto; há ainda o desagrado da imagem suscitada ao pensar no próprio corpo enterrado em estado de decomposição – ainda que o sujeito não vá senti-la, afinal, está morto! A admissão da própria morte parece ameaçar a ilusão da imortalidade que cada sujeito carrega em si.

Ao abordar a respeito da atitude do homem primevo diante da morte, Freud (1915/2010d) enuncia:

O homem primevo comportou-se de modo bem peculiar frente a morte. De maneira nada coerente, antes contraditória. Por um lado levou a morte a sério, reconheceu-a como abolição da vida e serviu-se dela nesse sentido; mas, por outro lado, também negou a morte, rebaixando-a a nada (p. 174).

O reconhecimento da morte se deu, inicialmente, a partir da admissão da morte do outro. A partir daí, Freud (1915/2010d) prossegue: “Então, na sua dor, ele teve que aprender que também ele podia morrer, e todo o seu ser revoltou-se contra tal admissão” (p. 175). Contudo, o reconhecimento da possibilidade da morte de si não se deteve nesse ponto. Criou-se a ideia de um espírito eterno, que resiste a morte do organismo – uma vida pós-morte, um espírito imortal. Tais concepções são condizentes com a elaboração freudiana de que, no inconsciente, somos imortais – a morte é sempre a morte do outro.

Em continuidade, o excerto abaixo traz a questão financeira como uma das razões para a preferência pela cremação:

A., 22 anos: *“Eu acho ser cremado mais vantagem, porque você não tem que pagar aluguel de cova, nem ficar carregando o esqueleto por aí. Me deixa num jarrinho, me guarda dentro do guarda-roupa, sei lá. Me joga por aí”*

A “vantagem” em ser cremado estaria na suposta praticidade e economia dessa ritualística fúnebre. Não seria necessário pagar pelo “aluguel de cova” ou carregar os restos mortais caso haja necessidade de transferência de jazigo. Bastaria somente guardar as cinzas “num jarrinho”, ou jogá-las “por aí”.

Em seu livro *The American Way of Death Revisited*, a autora Jessica Mitford (2000) demonstra o funcionamento da indústria funerária estadunidense, cujo objetivo é maximizar os lucros. O modelo industrial fúnebre desenvolvido nos Estados Unidos foi exportado para outros países, inclusive para o Brasil, que movimenta cerca de 8 bilhões por ano (Veras &

Soares, 2016). Seguindo a lógica de mercado, a indústria funerária cria produtos e técnicas direcionadas para um público enlutado, geralmente em um momento de fragilidade.

A princípio, ainda que a cremação tenha sido pensada como uma prática mais econômica, ela também está submetida as regras da indústria funerária, em que “há a criação de necessidades de consumo na área funerária que se submetem à moda, ao império da novidade, ao quadro econômico, às flutuantes tendências do mercado, ao aumento do lucro e aos domínios da publicidade” (Veras & Soares, p. 227). A busca pela maximização dos ganhos é uma tendência crescente no setor da cremação, que lucra não somente com a venda de urnas ou com a cremação em si, mas também com o uso da tanatopraxia (embalsamento, necromaquiagem e afins) para a disposição do corpo antes de ser cremado.

A seguir, os trechos destacados reúnem algumas considerações dos participantes relativas à comunicação de seus anseios para seu círculo social.

M.: *“Eu preferia ser cremada, acho melhor... Acho que já comentei com meu namorado, mas eu não tenho muita abertura com a minha família assim, em relação a essas coisas”*

A participante M. já sabe sua preferência – pela cremação – e já comunicou essa vontade para o namorado. Contudo, afirma não possuir abertura para falar com a família sobre “essas coisas”, isto é, sobre o tema dos rituais fúnebres, da morte e do morrer.

E.: *“Comuniquei de alguma forma, mas eu fiquei brincando porque é um assunto muito delicado, então às vezes eu falo brincando: ‘quando eu morrer eu não quero isso não, viu? Ah, eu achei tão bacana tal filme que eu assisti, que as pessoas viam a morte de tal forma’, sabe? Então às vezes eu acabo falando de forma indireta também”*

Por ser um “assunto muito delicado”, o participante E. encontrou uma maneira para expressar suas vontades: através da brincadeira. Por meio desse recurso consegue dizer, direta ou indiretamente, o que gostaria que fosse feito em seu próprio cerimonial fúnebre. Faz, inclusive, alusão àquilo que assistiu em determinado filme e considerou bacana. Ainda que

enuncie “eu falo brincando” ou “eu acabo falando de forma indireta”, o humor reaparece como um recurso viável para dizer sobre o referido tema.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os rituais fúnebres apresentam variações de acordo com o contexto sócio histórico em que estão inseridos. Ao longo dos séculos XX e XXI as práticas fúnebres passaram, cada vez mais, a estarem submetidas a lógica de mercado cuja única máxima é lucrar. O modo de vida capitalista, demarcado pela medicalização e controle dos corpos, insiste em afastar a morte da experiência cotidiana. O capitalismo se esforça em dissimular a morte; só é possível falar sobre a morte e o morrer enquanto esses sejam objetos de consumo e do espetáculo da mídia.

Diante desse cenário, a presente pesquisa buscou identificar os sentidos dos rituais fúnebres na atualidade, investigar as repercussões do contexto sócio histórico na atribuição de sentidos aos rituais fúnebres, e analisar os sentidos desses rituais a partir do aporte teórico da psicanálise freudiana. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo por meio de entrevistas semiestruturadas com oito participantes.

As respostas dos participantes refletem suas experiências pessoais com os ritos funerários. A prática do velório e do enterro foram os costumes mais citados entre os entrevistados. Enquanto alguns indivíduos relataram saber pouco acerca do assunto, outros trouxeram descrições detalhadas das etapas componentes do ritual. Em meio as respostas, o ritual fúnebre surge enquanto um modo socialmente convencional para demarcar o fim da vida de uma pessoa.

Alguns participantes afirmaram não perceber, pessoalmente, algum sentido ou função no cerimonial fúnebre. Ainda assim, todos reconhecem a importância, para aqueles que estão vivos, em organizar e participar desses ritos. Determinados participantes apontaram que a terceirização da cerimonialística fúnebre é fruto do contexto capitalista, de produtividade avançada. Além disso, alguns participantes destacaram como o cenário pandêmico parece ter posto em evidência a importância dos rituais fúnebres e a falta que sua ausência traz.

Enquanto alguns participantes já pensaram sobre seu próprio cerimonial fúnebre e até decidiram entre o enterro ou a cremação, outros entrevistados não cogitaram o tema e não percebem importância em pensar sobre ele. Há aqueles que comunicaram suas escolhas

fúnebres para as pessoas de seu círculo social, ainda que de maneira sucinta. Outros relataram, com maiores detalhes, a maneira com que seu próprio ritual fúnebre deve ser conduzido. Além disso, o humor foi um recurso utilizado para falar sobre o próprio ritual fúnebre e a morte de si.

Foi possível analisar as entrevistas através do aporte teórico da psicanálise freudiana. O processo do luto não é entendido neste trabalho como um estado patológico. Trata-se de um movimento necessário de desligamento libidinal perante a morte de alguém. Na presente pesquisa, elaborou-se a concepção de que os ritos funerários podem atuar como um “exame da realidade”, no qual se atesta o fim da existência do objeto amado – ainda que tal objeto permaneça investido de libido nas lembranças do sujeito enlutado.

Além disso, reitera-se a posição freudiana de que, no inconsciente, todos assumem a postura de imortalidade. Não é possível conceber a morte de si mesmo – a morte é sempre a morte do outro. Os sujeitos apresentam a tendência cultural-convencional de afastar a morte de si, de seu cotidiano – apesar de, superficialmente, admitirem que “a morte é a única certeza”. Mesmo diante da concretude da morte de um terceiro, o sujeito permanece convicto, em seu inconsciente, de que é imortal.

Quanto às limitações da presente pesquisa, aponta-se para a faixa etária dos participantes, limitada entre as idades de 20 a 26 anos. A concentração de participantes nesse recorte de idade pode ser reflexo do próprio método de divulgação do convite via *WhatsApp* entre grupos frequentados pela pesquisadora (que também se encontra na referida faixa etária). Por conseguinte, sugere-se para futuras pesquisas a ampliação da amostra para um espectro etário mais amplo, além da condução de entrevistas na modalidade presencial.

REFERÊNCIAS

- Ariès, P. (2012). *História da morte no ocidente: Da Idade Média aos nossos dias*. (P. V. Siqueira, Trad., Ed. especial). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1977).
- Banyasz, A., Weiskittle, R., Lorenz, A., Goodman, L., & Gregorio, S. W-D. (2017). *Journal of Palliative Medicine*, 20(10), 1091-1097. <https://doi.org/10.1089/jpm.2016.0235>
- Bayard, J. P. (1996). *Sentido oculto dos ritos mortuários: Morrer é morrer?* São Paulo: Paulus

- Cardoso, É. A. O., Silva, B. C. A., Santos, J. H., Lotério, L. S., Accoroni, A. G., Santos, & M. A. (2020). The effect of suppressing funeral rituals during the COVID-19 pandemic on bereaved families. *Revista Latino-Americana de Enfermagem* [online], 28, e3361. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4519.3361>.
- Crepaldi, M. A., Schmidt, B., N., Bolze, D. S., Azeredo, S. D., & Gabarra, L. M. (2020). Terminalidade, Morte e Luto na Pandemia de Covid-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia*, 37, e200090. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>
- Dantas, C. R., Azevedo, R. C. S., Vieira, L. C., Côrtes, M. T. F., Federmann, A. L. P., Cucco, L. M., ... Cassorla, R. M. S. (2020). *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, 23(3), 509-533. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.50>
- Dennis, M. K., & Washington, K. T. (2018). "Just Let Me Go": End-of-Life Planning Among Ojibwe Elders. *The Gerontologist*, 58(2), 300-307. <https://doi.org/10.1093/geront/gnw151>
- Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos*. (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1982).
- Freud, S. (2010a). Além do Princípio do Prazer. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2010b). Luto e Melancolia. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12, pp. 170-194). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (2010c). A Transitoriedade. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12, pp. 185-189). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (2010d). Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12, pp. 156-184). (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2011). A negação. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 275-282). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2014). O Humor. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 17, pp. 262-269). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927).
- Giamattey, M. E. P., Frutuoso, J. T., Bellaguarda, M. L. dos R., Luna, I. J. (2022). Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. *Escola Anna Nery* [online], 26(spe), e20210208. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0208>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo: Atlas
- Gorer, G. (1955). The pornography of death. *Encounter*, 5(4), 49-52.

- Helsel, D., Thao, K. S., & Whitney, R. (2020). Their Last Breath: Death and Dying in a Hmong American Community. *Journal of hospice and palliative nursing: JHPN: the official journal of the Hospice and Palliative Nurses Association*, 22(1), 68–74. <https://doi.org/10.1097/NJH.0000000000000616>
- Kind, L., & Cordeiro, R. (2020). NARRATIVAS SOBRE A MORTE: A GRIPE ESPANHOLA E A COVID-19 NO BRASIL. *Psicologia & Sociedade [online]*, 32, e020004. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240740>
- Kübler-Ross, E. (1996). *Sobre a morte e o morrer* (P. Menezes, Trad., 7ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1969).
- Minayo, M. C. de S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (14ª ed.). São Paulo: Hucitec.
- Mitford, J. (2000). *The American Way of Death Revisited* (1ª edição). New York: Vintage Books.
- Mowll, J., Lobb, E. A., & Wearing, M. (2016). The transformative meanings of viewing or not viewing the body after sudden death. *Death studies*, 40(1), 46–53. <https://doi.org/10.1080/07481187.2015.1059385>
- Silva, V. A., Silva, R. C. F., Turrini, R. N. T., Marcon, S. S., & Silva, M. J. P. da. (2019). Características de cuidadores submetidos à musicoterapia após a morte de seus entes queridos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 72(6), 1464-1470. <https://doi.org/10.1590/0034-7167/2018-0076>

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. O que você entende por rituais fúnebres?
2. Já esteve envolvido na organização e preparação de um ritual fúnebre? De um familiar, ente querido, conhecido...
3. O que pensa sobre o sentido dos rituais fúnebres?
4. Para você, o que acha da realização dos rituais fúnebres? Pode explicar?
5. Você já pensou e planejou seu próprio ritual fúnebre?